



Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 169 | Volume 20 | 2023

**Meu Cristo Mutilado.
Fundamento de minhas esperanças**

Pedro Gilberto Gomes

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 169 | Volume 20 | 2023

**Meu Cristo Mutilado.
Fundamento de minhas esperanças**

Pedro Gilberto Gomes

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP

e professor titular da Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 169 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Imagem da capa: Fragmento da obra Cristo de San Juan de la Cruz, 1951, de Salvador Dalí. Kelvingrove Art Gallery and Museum, Glasgow

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil





Sou e sempre serei
Servo da vontade de meu Pai
Servo sempre serei
Da causa dos filhos de meu Pai
Andei por muitos tempos
Idos e vindos
Observei e rezei
Por todos
Este que me representa
Foi trocando pelo caminho
Pedaços por pecados
Talvez minha cruz
Tenha sido retirada por virtudes
De quem e de onde passei
Resisto ainda
Como será para todo o sempre
Acompanhando vidas
E trajetórias
Ouvindo, contando e recontando história
A cruz de que livraram
Ou livre-me
É tão somente um peso
Que cada um deixa no tempo
De um eterno amor.
Eu Cristo mutilado
Mutilações que não me doem
Cada chaga, como no princípio,
foi trocada pela salvação deste mundo

Luiz Cláudio Delvan (outubro de 2018)



Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças

Pedro Gilberto Gomes

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP

e professor titular da Unisinos

PRÓLOGO

Este texto possui dois temas fundamentais: a esperança e o Cristo Mutilado – que é evocado no título.

A esperança tem a sua raiz na epopeia do Povo Judeu através do deserto, relatada no Antigo Testamento. Escravo no Egito por centenas de anos, esse povo clamava a Deus pedindo sua intervenção para livrá-lo do sofrimento da servidão. Narra o Livro do Êxodo que Deus enviou Moisés para libertar o povo do cativeiro. Depois de longa batalha, Moisés logrou que o Faraó permitisse a saída daquele povo. Então, caminhando pelo deserto, foram em busca da Terra Prometida a Abraão, Isaac e Jacó. Uma Terra “onde

corre leite e mel”.

As diversas formas de esperança expressam a ambivalência às vezes dominava o povo que marchava: oscilava entre a esperança e a saudade do Egito. O deserto era o futuro desconhecido com seus desafios; o Egito, segurança do passado. Essa é, em síntese, a narrativa bíblica que aponta para esperança e liberdade e de que se ocupa este texto.

O Cristo Mutilado é a história de um crucifixo, há 118 anos na nossa família. O decorrer dos anos o fez perder a cruz, mutilando-o. Sua trajetória é contada no final e explicitada na poesia de Luiz Cláudio Delvan, meu irmão poeta.

Caminhemos juntos em busca de nossa Terra Prometida, guiados pela esperança de que Deus nunca nos abandona.

I. VOCAÇÃO FUNDAMENTADA NA ESPERANÇA E NA LIBERTAÇÃO

Esperança não é fruto de um sentimentalismo vago, mas da vocação do Deus da esperança e da libertação que se manifesta continuamente na vida do povo.

O Povo de Israel, depois de sair do Egito, caminhava pelo deserto vocacionado por Deus que o convidava a prosseguir na busca da terra prometida aos Patriarcas Abraão, Isaac e Jacó. Sua esperança não era algo indefinido e vago, mas fundada na certeza de que a promessa de libertação se realizaria. Em sua marcha, esse povo enxergava um horizonte pleno – a vida em liberdade. Sentia a presença de Deus que o animava e

incentivava a caminhar sempre mais.

Nos tempos atuais, a esperança do povo cristão também é assim. Não é indefinida nem nebulosa, mas a certeza de que Deus o chama, prometendo-lhe a realização total. Mesmo quando sua marcha pareça errática, sem meta, há a convicção: o convite de Deus que o chama a sair de uma situação de escravidão e caminhar rumo à libertação.

Ele sabe que nem sempre é possível dizer o motivo de sua ação, de sua alegria e a razão de sua esperança, de maneira inteligível aos demais. Não obstante, sua vida entranha um sentido mais amplo, para além dos significados parciais e momentâneos.

Deus escutou o clamor e a súplica de seu povo, escravo no Egito, e veio libertá-lo. Hoje o cristão marcha, trabalha, espera. Porque Deus o chama, ele espera, mas fazendo a esperança, caminhando, seguindo adiante com a certeza de que Deus está a seu lado. Espera caminhando e caminha esperando.

Na mais profunda situação de escravidão e incerteza, o cristão escuta o chamado de Deus. Quando tudo parece estar perdido e sem sentido, sabe que Deus não abandona a humanidade. É o peregrino do Absoluto, o ouvinte da palavra, é aquele que sabe que Deus o chama e liberta.

Sabendo e esperando, o cristão denuncia tudo o que empana e escarnece a imagem de Deus na pessoa humana. Denuncia aquilo que quer abafar a voz de Deus que chama. Por isso, opõe-se a todas as situações injustas que são empecilhos para sua caminhada ao encontro definitivo com o Deus que liberta os cativos.

Assim como chamou o Povo de Israel e o libertou da escravidão do Egito, Deus chama toda a humanidade para a libertação da injustiça e exploração que impede as pessoas de serem livres e a imagem do Deus vivo.

Porque Deus atua, os seres humanos atuam e esperam; e o fazem com a mesma certeza que moveu o Povo de Israel através do deserto sob sol escaldante. Deus chama. Quem não escuta o chamado e não se entrega na aventura de criar fraternidade, caminho de libertação, é infiel ao chamado e sua dignidade de pessoa humana, de filho de Deus.

II. ESPERANÇA ANCORADA NA MARCHA E NA RUPTURA DA ESCRAVIDÃO

A esperança não se concretiza na passividade de quem acha que não precisa fazer nada para alcançar a libertação prometida. Ao contrário, está profundamente enraizada na marcha e na ruptura do escravo insurgente contra a escravidão.

Essa foi a atitude do Povo Escolhido no Egito. Rompeu as cadeias injustas e partiu, caminhando dia e noite pelo deserto e esperando no Deus que salva. Tal é a esperança do cristão hoje. Ela não o impede de caminhar, nem se realiza na passiva esperança da libertação.

A exemplo de Israel, a comunidade cristã procura realizar a sua libertação enquanto espera em Deus, rompendo as cadeias de uma sociedade injusta e marcha ao horizonte de liberdade prometido por Deus. Ao caminhar, denuncia as amarras que o prendem ao passado escravo. Denuncia a exploração dos humildes e dos pobres, que vivem uma situação de injustiça social

que se estende por todo o mundo. É alvo de sua ação e de sua condenação tudo aquilo que faz o povo sofrer e morrer. Desprende-se dos compromissos alienantes e caminha promovendo a libertação coletiva.

Nada é mais alienante e desumanizador do que a crença de que a libertação chega milagrosamente. Não obstante, nada mais frustrante do que pensar que individualmente, sem a ação de Deus, sem o esforço coletivo, pode o ser humano libertar-se da escravidão que o oprime. O cristão vive e atua comunitariamente.

O evento libertação realiza-se com inquietude e sofrimento inerentes ao processo. Exigindo marcha e ruptura, traz consigo dor e lágrimas. Mesmo consciente dessa realidade, o cristão assume o compromisso de realizar a libertação, de realizar a marcha e a ruptura do casulo que o aprisiona.

O processo de sair do casulo envolve abandono de certezas e aceitar a inerência da incerteza frente ao que virá. Espera, no fim, encontrar a liberdade de Deus na marcha pelo deserto. Na esperança se enraíza a consciência de que Deus o chama. Por isso, caminha, marcha, rompe, busca a libertação prometida por Deus.

O perigo, a tentação que hoje se experimenta é pensar que a conquista vem sem nenhum esforço. Ao contrário, é dom e ação, compromisso e espera.

Com Santo Inácio de Loyola¹, dizemos: *espera em Deus como se tudo dependesse de ti; faz tudo porque tudo depende de Deus*. Aqui está o aspecto mais significativo para ilustrar a dialética do cristão que trabalha porque confia em Deus e espera em Deus, porque se compromete na luta pela liberdade, a dignidade e a justiça.

1 Fundador da Companhia de Jesus no século XVI.

A esperança caracteriza-se com o comprometimento com uma causa, com um destino para a esperança. Hoje, mais do nunca, faz-se necessário realizar a ruptura com as cadeias que prendem as pessoas a situações desumanizantes. O povo não pode mais esperar passivamente. Sua esperança deve consubstanciar-se numa ação concreta em favor da liberdade.

Com Geraldo Vandré: *Quem sabe, faz a hora, não espera acontecer*².

III. ESPERANÇA NA CAMINHADA PELO DESERTO

A marcha do Povo de Israel não conhecia descanso, era árdua, sem tréguas buscando o lugar da promessa de Deus. O Povo caminhava na esperança que o obrigava a prosseguir ainda que estivesse esgotado. Os oásis no deserto eram lugares de descanso, mas não de estabelecimento definitivo. Cada parada se constituía num impulso para seguir.

Assim a esperança cristã. Não oferece a comodidade de um oásis, mas sim o risco incessante do caminhante no deserto em busca de uma pátria. Para aquele que espera caminhando pelo deserto não há conforto nem tranquilidade.

Semelhante é a jornada do cristão pelo mundo. Confiando profundamente no Senhor, não almeja comodidades nem uma vida de soluções fáceis; não é movido por seus próprios interesses, mas caminha com os irmãos em busca de uma Pátria que é construção coletiva.

Esta é uma tarefa constante: trabalhar para que a

² Geraldo Vandré disse isso em sua música: *Para não dizer que não falei de flores*.

Pátria esperada seja construída no aqui e agora da humanidade. Ou seja, trabalhar para que tal Pátria aconteça na solidão do deserto ao longo da jornada.

A comunidade cristã é um povo em marcha. Não espera facilidades de uma vida sem exigências. Ela assume uma esperança que a extrai de sua estabilidade, impulsionando-a para o futuro.

A consciência da marcha convida a comunidade a realizar aquilo que busca. Por isso, incomoda, é comprometedora, difícil e não aceita os oásis que a vida oferece como morada definitiva.

Ao caminhar, o povo assume os riscos que a vida do deserto apresenta. Para o cristão, não existe a comodidade das certezas. No deserto, vive a dinâmica do provisório porque só Deus é o Absoluto em sua vida, sendo a pessoa humana o valor primeiro.

Ao adentrar-se no deserto, com frequência se encontra perigos e se corre o risco de se perder, não encontrar o caminho e o rumo certo. As areias do deserto são traiçoeiras. Assim é a vida. Quem caminha aceita os riscos para não se instalar nas facilidades da vida.

Só quem aceitou arriscar-se numa marcha pelas rotas do deserto da vida atinge a meta almejada: a Pátria.

Possuindo a certeza de Cristo, sabendo-se que não está solitário, o cristão assume o risco de caminhar e fazer uma Pátria, enquanto a busca. Tal ação exige desinstalação, luta e coragem. É comprometer-se com seus irmãos.

Consequentemente, as conquistas periódicas, episódicas, não podem deixar o cristão dormir sobre os *louros das vitórias momentâneas*. Essas são apenas oásis

que arrefecem a luta e impedem a vitória final: encontrar-construindo a Pátria prometida pelo Senhor da História.

IV. ESPERANÇA QUE COMPARTILHA A FOME E O MANÁ

Na caminhada pelo deserto, o Povo de Deus sentia (sente) fome, mas encontra comida. As duas realidades, a fome e a comida, são compartilhadas entre os irmãos.

O cristão não se sacia às custas dos outros, visto ser comum o destino. Todos peregrinam, sob o sol escaldante, em busca de uma pátria. Somente aquele que sabe compartilhar a fome, terá a sensibilidade para compartilhar o maná³ que o sacia.

Isso aconteceu com os Israelitas no deserto, quando Deus enviou-lhes o pão dos céus. O mesmo se passa hoje com os cristãos. A esperança que os move na jornada convida à partilha das alegrias e tristezas, prantos e sorrisos, fome e maná.

Todos os homens são peregrinos numa única aventura de viver a esperança na qual o Senhor os chama. Ninguém pode estar saciado se, a seu lado, um irmão passa fome. Todos os problemas são comuns. O desafio e a marcha são problemas de todos. É bem provável que alguém padeça fome porque outros, saciados, não repartem o que possuem.

O destino é comum; a fome é de todos. A resolução desse problema não pode ser de alçada individual. É um problema que concerne a todos e a sua resolução

³ O pão enviado por Deus para saciar a fome dos caminhantes no deserto.

igualmente. Os que caminham no deserto possuem um entrelaçamento entre si inevitável.

Hoje a fome da grande maioria se expressa no desemprego, na exploração, na prisão injusta, na pobreza. Mais, torna-se patente na discriminação, na intolerância, na negação do diferente. Não se pode permanecer alheio a tudo isso. Se a comunidade é cristã, o destino dos irmãos, todos caminhantes, a desafia e coloca em xeque as suas certezas e posses. A comunidade daqueles que assentam a sua fé em Jesus Cristo é convidada a comprometer-se com ele em todos os momentos da vida.

Não somos pessoas isoladas e alheias aos problemas do mundo e preocupadas apenas com nossos problemas individuais. Os problemas de um são de todos; a fome de um é fome de todos. Logo, a comida de um é comida de todos. Nada daquilo que diz respeito àquele que caminha junto lhe é estranho.

Logo, a esperança que guia o cristão o convida a partilhar tudo e a comprometer-se com todos, principalmente com os irmãos marginalizados, abandonados. Seus anseios e destino são os anseios e o destino do cristão. Ele não pode saciar-se enquanto alguém morre de fome. Para ele, não há tranquilidade enquanto existir pessoas que não sabem o que lhes vai acontecer no dia de amanhã.

Seguindo as pegadas de Jesus Cristo, ele se compromete profundamente, decididamente, com seus irmãos de marcha pelo deserto da vida, buscando a Pátria prometido pelo Deus da libertação.

Nesse percurso de comprometimento e esforço, a situação em que vivem milhões de pessoas neste con-

tinente crente, pobre e explorado, do Terceiro Mundo, o cristão não pode ficar de fora, fazendo de conta de que o problema não é seu. Isto é, trata-se duma situação de tal gravidade que não pode ser ignorada como se não dissesse respeito à comunidade cristã.

O sofrimento, a angústia, a fome, a dor e a morte de milhões de pessoas pertencem ao destino da comunidade que professa a sua fé em Jesus Cristo, principalmente porque, em muitos casos, os cristãos são responsáveis por essa situação, como causadores ou como omissos.

Na jornada do Povo de Deus, tudo é compartilhado, pois a libertação ou é comunitária ou não se realiza jamais.

V. ESPERANÇA QUE NÃO SE SUSTENTA EM IMAGENS QUE PRENDEM AO PASSADO

A longa jornada pelo deserto faz com que o Povo de Deus sinta a fragilidade de sua fé. Surge o desejo de manipular e dominar o Deus da libertação e da promessa. Por isso, faz uma imagem que o prende ao passado da escravidão no Egito. Adora essa imagem feita por suas próprias mãos⁴. Assim, fica preso à vida que tinha no Egito, esquecendo-se que a esperança convida a seguir o Deus.

Essa é a tentação contínua da humanidade: voltar-se para o passado, chorando o que deixou. Facilmente se esquece de seguir o Deus da libertação que promete uma pátria definitiva. O desejo de manipular a Deus

4 Quando Moisés passou quarenta dias e quarenta noites na Montanha, recebendo as Tábuas da Lei, o Israel se esqueceu da promessa de Deus e pediu que Aarão fizesse um bezerro de ouro perante o qual se prostravam e agradeciam a libertação.

e o medo de assumir o risco do futuro, faz homens e mulheres voltarem-se para o passado que os aliena da vida.

As promessas de Deus são o futuro. São rotas a seguir junto com os irmãos e irmãs. O passado atrasa e caminhada e não deixa ver o horizonte do futuro, da promessa e da esperança.

Deus é sempre maior. É alguém que vai à frente na história. Ele jamais será dominado por seu povo. A esperança que dá sentido à caminhada do cristão pela vida o convida a seguir o Deus da vida e olhar o futuro construindo o presente. Nesse processo, lembra-se do gesto libertador de Deus que o tirou da escravidão e continua a libertá-lo hoje.

A saudade do passado é adorar falsas imagens, falsos deuses que, no melhor dos casos, são tentativas infantis de dominar e manipular o Senhor da História.

O passado é o seguro, o já experimentado, o conhecido. O futuro é risco, experimentado na dor e na luta. Por isso, exige esperança e confiança em Deus que promete, chama, liberta e compromete.

Ao mesmo tempo que é um lugar seguro, o passado é fixo, não muda. Conquistado, permanece como rocha firme. Por sua vez, o futuro é móvel, ainda por conquistar, assemelhando-se às águas revoltas nas quais se deve nadar para alcançar um ponto de apoio.

Constrói-se o presente, liberta-se os demais, olhando o futuro, em que nos espera o Senhor da História na Pátria definitiva. Desse modo, os fiéis são fiéis à esperança que dá sentido à vida.

A Pátria, entretanto, começa aqui e agora. Daí por-

que se faz necessário romper os laços que prendem a um passado de escravidão.

O Senhor é risco e futuro. É comprometedor e jamais será manipulado pelo ser humano, por seus interesses individuais e limitados, que o tornam pequenos e mesquinhos.

A esperança dos cristãos é muito mais profunda que crer em imagens que o aprisionam ao passado de exploração pobreza, escravidão. Porque espera, caminha e se compromete com o destino de todos os seus irmãos e irmãs, com os olhos fitos no futuro.

VI. ESPERANÇA QUE NÃO SE IMPACIENTA COM OS ATRASOS DA LIBERTAÇÃO

A esperança que anima é aquela que madruga para perscrutar, ao longe, o sinal para avançar.

Na jornada pelo deserto, o Povo de Israel não tinha pressa. Ao contrário, somente se manifestava quando o Senhor lhe ordenava que assim o fizesse. A nuvem que estava sobre a Tenda⁵ era o sinal. O Povo não se impacientava com os atrasos do Senhor Deus. Esperava pelo Senhor, sempre atento para perceber o sinal de avançar.

Assim é a esperança que move a comunidade dos que põe a sua fé na pessoa de Jesus. Eles esperam-construindo a libertação, mas jamais se impacientam com os possíveis atrasos nessa tarefa. Seu tempo não é o tempo do Senhor. Ele é pequeno quando comparado com o tempo do Senhor. Ao contrário, deve caminhar

⁵ Moisés construiu uma Tenda para colocar a Arca da Aliança com as Tábuas da Lei. Sobre a Tenda pairava permanentemente uma nuvem. O Povo só se movimentava quando a nuvem se deslocava.

e atuar com consciência de que é o Senhor que guia e orienta o trabalho em busca da liberdade.

Ao mesmo tempo, sabe que a paciência não é sinal de imobilidade, de passividade. Enquanto espera, madruga para perscrutar ao longe o sinal de avançar, para libertar. Escuta a voz de seus irmãos oprimidos; descortina os numerosos sinais dos tempos; está sempre atento à voz do Senhor que, na história, o convida, o chama, o apela à tarefa libertadora de seus irmãos. O chamado do Senhor acontece quando menos se espera. Por isso, compete-lhe estar atento, buscando os sinais do Senhor que o convida a caminhar, atuar sob a voz de Deus.

Trabalhar! Comprometer-se sem deixar-se jamais vencer pela impaciência e pelo desânimo. Os atrasos da libertação não devem fazer com que o cristão perca a esperança, cruzando os braços. Pelo contrário devem fazê-lo despertar de madrugada, numa constante vigília.

Na situação em que vivem os pobres, muitas vezes o cristão sente vontade de desaminar. A impressão que se tem é que a libertação está cada vez mais longe. Parece que Deus se afastou do povo, esquecido de sua vida e saído de sua história. Some a esperança em Deus e surge a tentação, que é a de confiar apenas nas próprias forças. A impaciência impulsiona a agir sem pensar, antecipando a ação que, sem Deus, malogra. Nada pior que isso. No melhor dos casos, é uma libertação parcial, sem abarcar a plenitude da realidade humana.

Deus se manifesta no grito surdo de milhões de irmãos que se eleva aos céus como um pedido de socorro; irmãos que expressam em suas vidas o sofrimento

do Cristo do Povo. A esperança torna o cristão mais vigilante, mais ativo, como a sentinela esperando pela aurora.

VII. INTRODUZIDOS NUM POVO DE PROFETAS

Não há, no Povo de Deus, monopólio da palavra e do espírito⁶. Ninguém tem o direito exclusivo sobre o Espírito de Deus, visto que o Todo-Poderoso não pode ser manipulado. Segundo Jesus, *o Espírito sopra quando e onde quer* (Cf. Jo, 38).

O Povo de Deus é um Povo Sacerdotal, de Profetas que, sob a inspiração do Espírito do Senhor, discerne os sinais dos tempos e vislumbra neles as pegadas do Infinito na história humana.

Assim também é a comunidade eclesial hoje. Sendo sacerdotal, composta de profetas, tem a ação do Espírito no seu interior, para manifestar à humanidade a sua vontade, indicar seus desejos, mostrar seus caminhos.

Embora caminhando com esperança do encontro com o Senhor, sabe que isso não lhe outorga direito exclusivo sobre o Espírito. Ao contrário, é introduzido num povo de profetas que sabe discernir os caminhos do Senhor e organizar a sua Igreja de acordo e a partir de sua realidade concreta.

Ninguém possui direitos exclusivos sobre o Espírito de Deus. Todos são responsáveis pela vida da comunidade e sua organização. No Povo de Deus não

⁶ É o episódio em que Deus ordena a Moisés que escolha alguns anciãos para que o ajudem a receber o Espírito de Deus. Dos escolhidos, dois não foram ao encontro na Tenda, mas também começaram a profetizar. Josué, ajudante de ordens de Moisés, quis calá-los, mas Moisés o proibiu. "Oxalá que todo o povo profetizasse."

existe lugar para os “capitalistas” do Senhor, únicos intérpretes da vontade de Deus. Carisma e instituição convivem fraternalmente. Um mesmo Espírito anima a todos. Mesmo havendo diversos carismas, variados ministérios, distintos serviços que se podem realizar para o crescimento do Povo de Deus (Cf. 1 Cor 12,4-11).

A esperança cristã, por isso, não outorga direitos exclusivos sobre o Espírito, mas introduz num povo de profetas que apontam os sinais de Deus na história humana. Um povo de profetas que dizem, muitas vezes, o que o Senhor deseja da pessoa que Nele crê e do seu povo, o qual sabe discernir os caminhos por onde andar, os projetos e desejos de Deus. Em nome do Senhor, grita e denuncia as injustiças cometidas contra seus pobres, seus pequenos, seus irmãos.

Ninguém possui direitos exclusivos, mas cada um está inserido numa comunidade em que todos possuem as mesmas prerrogativas, os mesmos direitos e a mesma autoridade. Em lugar de diminuir a esperança cristã, essa realidade a faz crescer até a dimensão da grandeza de Deus e de seu povo. É um povo adulto que se organiza e sabe discernir as vozes do Senhor na história e que possui a consciência de que cada pessoa, à sua maneira, responde ao apelo de Deus. Além das diferenças secundárias que distinguem cada vocação, há uma igualdade fundamental que é o imperativo do Senhor para participar de um povo de profetas que luta para realizar a sua libertação aqui e agora.

Por isso, o cristão crê e afirma que a sua esperança não lhe outorga direitos exclusivos sobre o Espírito, mas o introduz num povo de profetas.

VIII. ESPERANÇA COLABORATIVA

Na longa marcha pelo deserto, os responsáveis pelo povo acreditavam serem donos do chamado do Senhor. Autossuficientes, não necessitavam de ninguém. Entretanto, para cumprir a vontade de Deus, a pessoa deve abrir-se à colaboração com os demais que também foram chamados para trabalhar com o povo.

A tarefa da libertação de um Povo demanda lutas e trabalhos. Ninguém a pode realizar sem ajudados demais. O Senhor chama aqueles que deseja e desde onde deseja. Não há possibilidade de não trabalhar nem se tem a liberdade de escolher os colaboradores. Essa é tarefa e providência de Deus. Assim aconteceu com os colaboradores de Moisés no deserto. Hoje acontece o mesmo com a comunidade eclesial.

Muitas vezes faz-se calar pessoas porque não *são dos nossos* (Cf. Lc 9,49-50). Mais ainda. Prejudica-se seu trabalho por inveja do seu chamado, do seu sucesso. Muitos se creem os únicos donos da mensagem de salvação e se fecham a toda sorte de colaboração que venha de fora. Autossuficiente, ridiculariza-se outras contribuições porque são *estrangeiras*, não são dos nossos. A esperança do cristão na libertação se abre com humildade a toda e qualquer colaboração que o Senhor coloca em seu caminho.

Num mundo complexo e grande, onde os problemas sobrepõem enormemente o cristão, sua esperança se abre aos demais. Ninguém que trabalhe e se compromete com a libertação dos demais, de seus irmãos, pode ser excluído. O Espírito de Deus atua naquele que constrói a fraternidade, ainda que não professe a mesma fé. Todo o amor vem de Deus, pois ele é amor (cf. 1

Jo 4,8). Como excluir alguém que ama somente porque não comunga a mesma fé?

É certo que a esperança do cristão não o encerra numa caprichosa autonomia, mas o abre à colaboração com todo aquele que é chamado pelo Senhor a comprometer-se com a lutar para libertar seus irmãos oprimidos.

O Senhor chama a todos para que vivam o amor, construam a fraternidade, libertem seus irmãos. Vivendo a esperança, abrem-se para todos os projetos realmente libertadores que encontram no mundo, pois sabem discernir os colaboradores que o Senhor põe no seu caminho e não se fecham a nenhuma possibilidade de libertação. Cientes de suas fraquezas frente aos problemas que afligem o mundo, abrem-se a toda espécie de colaboração. A pessoas é mais importante e o pobre é amado e querido por Deus.

Portanto, frente à perspectiva de salvação, libertação para o povo, a pessoas de fé sabe que não se pode dar ao luxo de recusar ajuda alguma. O cristão sabe também que não esgota em si a totalidade da Mensagem de Jesus Cristo e que, por isso, seu coração deve estar aberto a todos os que compartilham o projeto de libertação.

O fechamento do coração é sinal de escravidão; abertura de espírito, sinal de começo de libertação.

Creemos que a nossa esperança não nos encerra numa caprichosa autonomia, mas abre-nos à partilha do chamado do Senhor.

IX. ESPERANÇA DESTEMIDA

Ao contrário do que se pensa, as promessas do Senhor exigem grande esforço para realizá-las. As conquistas não vêm com facilidades. Assim foi com o Povo de Israel na jornada pelo deserto, guiado por Moisés. A Terra Prometida existe. Para conquistá-la faz-se necessário lutar, sacrificar-se.

As pessoas ficavam (ficam) paralisadas no pranto e na saudade do Egito. O medo e o pranto as fazem esquecer que o Senhor as libertou da escravidão. A confiança fica abalada e surgem os rumores contra o país que deviam habitar. Os exploradores enviados para sondar a terra exageram o perigo⁷. Falta-lhes coragem para lutar confiados em Deus.

As promessas de Deus exigem que homens e mulheres se superem quando se lhes apresenta a ocasião de agir. Aquele que confia em Deus prossegue na luta, mesmo que a empreitada seja grande, difícil e sacrificada. Os hebreus não desejam vencer o seu temor nem sacrificar a sua comodidade. Esse foi e é um grande pecado.

O medo é mau conselheiro. Hoje no mundo, se vive uma situação semelhante. Há uma terra a conquistar, uma libertação a fazer, um Povo a conduzir. Deus promete a libertação, mas existe o medo, a frouxidão, o choro, a segurança passada, quando havia quem tomava as decisões por ele.

⁷ Às portas da Terra Prometida, Moisés destaca exploradores para examinar o terreno. Volta dizendo que de fato é uma terra rica, “onde correm elite e mel”, entretanto desprezem os perigos, exagerando-os. Afirmando que não os pode vencê-los. Moisés, irritado, volta para o deserto, com promessa de que nenhuma pessoa daquela geração tomaria posse da Terra Prometida.

A libertação é conquista, luta, responsabilidade e não permite que se permaneça a chorar; não aceitar a paralização da saudade. Quem põe a mão no arado não pode olhar para trás (cf. Lc 9,26).

A esperança do cristão é maior que o seu medo, seu comodismo, sua moleza. A esperança não o paralisa no choro e na saudade, mas o associa à missão dos pioneiros que anunciam um mundo novo, que é o Reino de Deus anunciado e começado por Jesus Cristo. Esse mundo é graça, mas também é conquista da pessoa que se compromete com Jesus Cristo na solidariedade com os irmãos.

Há uma missão: anunciar-construindo o mundo novo que é justiça, amor, liberdade e paz. Há uma América Latina crente e explorada (na feliz expressão de Gustavo Gutierrez) que clama libertação. O anúncio do Reino já é práxis do Reino. Por isso, a esperança do cristão – já se disse – o associa àqueles homens e mulheres que, ao pôr sua confiança em Jesus, anunciam-construindo o seu Reino aqui e agora.

A saudade e o pranto paralisam no passado. A esperança, a fé e a coragem impulsionam para o futuro e fazem lutar-anunciando o mundo novo.

A esperança cristã não paralisa no pranto e na saudade, mas associa à missão dos pioneiros que anunciam um mundo novo.

X. A ESPERANÇA FUNDADA NA CRUZ

Na marcha pelo deserto, o povo volta a murmurar e sua esperança sofre com a inconstância interior. A rebelião interior ganha força motivada pela como-

didade. Os sacrifícios e esforços para a superação dos obstáculos são rejeitados. O único que poderá salvar do castigo do Senhor é seu olhar para a serpente levantada no deserto⁸.

Não há outra segurança, não existem certezas, mas somente a confiança de que uma olhada para a serpente levantada seja a salvação.

A esperança cristã não pode esvaziar-se em ingênuas seguranças, como se disso dependesse a salvação. O importante é caminhar confiando no Senhor. O deserto é longo; longo o caminhar. O que salva é levantar os olhos para a serpente alçada no deserto.

A situação atual é a mesma. Para reforçar a esperança no futuro é necessário pôr o olhar numa cruz alçada no deserto da vida. Esta cruz subtrai todas as seguranças que se acredita ter, construídas para garantir a marcha.

O cristão, enquanto caminha e luta, vê que todas as seguranças vão caindo ao longo do caminho. Daí a solidão, o desespero, a insegurança.

A cruz de Jesus Cristo é a única esperança. Com o olhar fixo nela, o cristão vislumbra o futuro, olha o caminho e preenche a sua esperança. Ela é a cruz do pobre, do oprimido, do explorado. Totalmente frágil, pequena e humilhada, dá segurança ao caminhar do cristão.

8 Conhece-se a história. O Povo de Israel pecou e Deus enviou-lhes serpentes mortais. O Povo clamou e Deus mandou que Moisés fizesse uma serpente de bronze e pendurasse numa haste. Todo aquele que fosse picado por uma serpente deveria olhar a serpente de bronze e ficava curado. Os cristãos veem nesse episódio uma profecia sobre Jesus. O símbolo da serpente levantada no deserto, para os cristãos, é profecia da cruz de Jesus que salvaria a humanidade.

Como a cruz levantada no deserto é arrimo e sustentáculo da esperança. Hoje está levantada no mundo do pobre, do pecador, do oprimido, humilhado, abandonado, sem voz. Ela deve ser a perspectiva a partir da qual contempla o mundo e julga seus atos e ações. Esse é o lugar do pobre.

Sair de falsas e ingênuas esperanças: dinheiro, cultura “status social”, poder religioso, civil, militar. Apegar-se na única condição de salvação: a cruz de um ferido por Deus e humilhado (Cf. Is 53), abandonado pelos homens e pelos poderes deste mundo.

Por isso, a esperança cristã não se esvazia em ingênuas seguranças, mas põe o seu olhar numa cruz levantada no deserto. O pobre, o sem voz, o sem poder, a loucura, a ignorância aos olhos do mundo, trazem a salvação, a voz, a riqueza, o juízo, o verdadeiro poder e a sabedoria (Cf. 1 Cor 1,18-31) a partir do poder de Deus.

Deus se vale de critérios que não são os humanos. O cristão assume como seus os critérios de Deus. Ele plênifica sua esperança na cruz de Jesus Cristo, que se materializa no rosto do pobre, explorado do nosso continente (Cf. Puebla ° 31-39), desde séculos.

A cruz de Cristo assegura ao cristão que Deus se comprometeu definitivamente com o pobre, aquele que salva pelo poder de Deus.

O CRISTO MUTILADO

No dia de seu casamento, 27 de julho de 1905, minha bisavó, Maria Reitz Souza, recebeu de presente de sua cunhada um crucifixo. Mulher simples, mas de profunda fé, ela guardou-o por toda a vida.

A imagem de Cristo esteve com ela em seus momentos mais importantes, desde o casamento. Ele a acompanhou no nascimento de seus quatro filhos (João, Ambrósio, Manoel e Olindo) e seis filhas (Leontina, Ana, Agostinha, Nair, Rosa [minha vó] e Adalgisa). Esteve presente na enfermidade e falecimento de seu esposo, na morte de um dos seus filhos e uma das suas filhas. Foi seu companheiro nos longos anos de viuvez, sofridos e duros. Orientou-a na criação de uma neta (filha de Adalgisa), assumida depois de ficar órfã. Deu-lhe a paciência para ficar comigo durante quase um ano (eu tinha nove anos), quando meu ensinou a ler e a escrever (até hoje me lembro de sua letra). Por fim, terminada a sua jornada na terra, estava em suas mãos quando morreu, no dia em que completaria oitenta anos, em 16 de agosto de 1963. Eu já morava no Rio Grande do Sul desde os doze anos e meio. Fiquei sabendo de sua morte por uma carta de minha avó, quando estava iniciando um turno de serão na Litografia Serrana, em Porto Alegre.

Mas o crucifixo não a acompanhou ao túmulo. Ficou com a sua neta, filha de criação, Benta Ivani, minha madrinha, junto com outros de seus pertences. O Cristo começava mais uma Via-Sacra, agora fazendo parte de outra família. Acompanhou a minha madrinha nas suas andanças e sofrimentos pela vida. Foi rolando de casa em casa, cidade em cidade. Viu seus filhos crescerem, casarem e terem filhos. Como uma pedra que rola,

ele foi se desgastando a cruz de madeira sumiu. A imagem se mutilou. Perdeu uma mão. A mutilação (quero acreditar) não foi ato de selvageria, mas o gasto natural da deterioração dos materiais. Numa visão mais espiritual, cada pedaço arrancado da cruz significava um pecado, uma dor, um sofrimento que se ia levado pelo amor de Cristo. A última estação do crucifixo com minha madrinha deu-se na cidade de Rodeio, em Santa Catarina. Entretanto, antes de sair de suas mãos, ainda esteve com ela na enfermidade e falecimento de seu esposo. Viúva, permanece em Rodeio com um filho solteiro.

Em inícios dos anos 2000, ele veio para mim. Em visita à minha madrinha, em Rodeio, passamos a mexer nas coisas que eram da bisa. Apareceu somente a pequena imagem do Cristo, sem a cruz. Minha madrinha achou por bem dá-la para mim, pois temia que se perdesse, caso ela falecesse. Com carinho, como uma sacramental da bisa, trouxe a imagem para São Leopoldo. Não sabia bem o que faria. Lembrei-me da obra de um espanhol sobre uma estátua de Cristo na mesma situação. Ele chamava a imagem de *Mi Cristo Roto*. Também havia perdido a cruz, mas ele se recusava a recrucificar o Cristo. Bastava o fato histórico da morte de Jesus na cruz. Fiz a mesma reflexão e me recusei a pô-lo outra vez na cruz.

A solução foi fazer uma pequena redoma de vidro, com um pedestal. Para marcar a idade, tive a ideia de colocar a data em que o crucifixo havia sido apresentado à minha bisa. Portanto, essa imagem está há 118 anos na nossa família. Não sei quando foi confeccionado, o que pode aumentar a sua idade. Para mim, são 118 anos de companhia, amizade, fidelidade para com

a família que o acolheu. Recebeu a estátua e espero que tenha recebido o Cristo em seus corações.

Desde que chegou às minhas mãos, ele me tem acompanhado no Gabinete na Reitoria da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Saiu daqui para a minha residência. Foi colocada numa pequena mesa, onde muitas vezes celebro a Eucaristia. Mutilado, mas Ressuscitado, fará companhia a um crucifixo semelhante que me foi dado no dia em que entrei no noviciado da Companhia de Jesus, há cinquenta e cinco anos.

Peço que, assim como foi companheiro de minha bisavô e de minha madrinha, seja igualmente meu companheiro. Que ele sempre me console, fortaleça-me e na sua misericórdia perdoe meus inúmeros pecados.

Refletindo sobre a importância do Cristo em minha vida, registrei algumas experiências.

Minha vida foi educada numa fé simples. fui batizado, crismado e fiz a primeira comunhão. Minha família era religiosa, mas não praticante. Minha mãe ensinou-me os primeiros rudimentos da fé. No seu colo aprendi e rezei a oração do Santo Anjo, a Ave-Maria e o Pai Nosso. Eu não questionava nada apenas vivia.

Baseado numa fé simples e ingênua, depois da primeira comunhão continuei frequentando a missa dominical. Nunca comungava sem me confessar. Eu me lembro, Tu o sabes melhor que eu, desde a tenra idade manifestei o desejo de ser sacerdote. Não sabia muito bem o que significava. Embora adormecido, este desejo continuou latente, esperando o momento certo de se manifestar, como o bulbo de uma tulipa aguardando o fim do inverno para eclodir em todo o seu esplendor. O fim do inverno começou a acontecer na juventude.



Tomei coragem – ou será que ganhei de TI? – e decidi sair de casa e perseguir o desejo latente que explodia. Entrei na Companhia de Jesus.

Meu Cristo Mutilado ensina-me a fazer meu poema de Antonio Machado:

Proverbios y Cantares – XXIX

Caminante, son tus huellas

El camino, y nada más;

Caminante, no hay camino,

Se hace camino al andar.

Al andar se hace camino,

Y al volver la vista atrás

Se ve la senda que nunca se

Se ha de volver a pisar.

Caminante, no hay camino,

Sino estelas en la mar.

Pedro Gilberto Gomes



Pedro Gilberto Gomes. Possui Doutorado pela Universidade de São Paulo; Mestrado também pela USP; Especialização pela Universidade Católica do Chile e é Licenciado em Filosofia pela PUCRS.

Trabalhou com a Pastoral da Comunicação, ajudou na programação religiosa da TV Difusora de Porto Alegre, manteve um Programa diário na TV Iguazu de Curitiba, foi professor secundário e do ensino superior e desempenhou inúmeros cargos de gestão. Foi Vice-Reitor e Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa e Pró-Reitor Acadêmico por vinte e três anos e professor e pesquisador do PPGCom - Unisinos.

Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, comunicação cristã, comunicação, cultura e mídia. Membro e Presidente do Conselho Superior da FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio Grande do Sul.

PUBLICAÇÕES DE PEDRO GILBERTO GOMES NO IHU

- [N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ – Cadernos Teologia Pública](#)
- [N. 290 A Universidade em busca de um novo](#)



[tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes –
Cadernos IHU ideias](#)

- [N. 08 Processos Midiáticos e Construção de
Novas Religiosidades. Dimensões Históricas
– Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes – Cader-
nos IHU](#)

**ARTIGOS DE PEDRO GILBERTO GOMES
PUBLICADOS PELO IHU**

- [Tudo bem? Artigo de Pedro Gilberto Gomes](#)
- [Modo de usar, modo de ser. A Epimimética
Pedagógica da Companhia de Jesus](#)
- [Um projeto para o nosso tempo. Artigo de Pe-
dro Gilberto Gomes](#)
- [Da sociedade dos mídias à sociedade em mi-
diatização](#)

**ENTREVISTAS COM PEDRO GILBERTO GOMES
REALIZADAS PELO IHU**

- [Espiritualidade na Internet: o surgimento de
uma nova religião? Entrevista especial com
Pedro Gilberto Gomes](#)
- [“O processo de midiatização nos coloca em
outra ambiência social”. Entrevista especial
com Pedro Gilberto Gomes](#)
- [O impacto da midiatização na sociedade lati-
no-americana. Entrevista especial com Pedro
Gilberto Gomes](#)
- [Processo de midiatização: da sociedade à](#)

[Igreja. Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes](#)

MAIS PUBLICAÇÕES DE PEDRO GILBERTO GOMES

GOMES, PEDRO GILBERTO . Two Societies in the Perspective of Media Processes. **Communication Research Trends** , v. 41, p. 4-7, 2022.

_____. Dos meios às mediações: Jesús Martín-Barbero na teoria da comunicação da Unisinos. **MATRIZES (USP. IMPRESSO)**, v. 12, p. 189-202, 2018.

_____. Mídiatização: um conceito, MÚLTIPLAS VOZES. Revista **FAMECOS (Online)**, v. 23, p. 22253, 2016.

_____. Mediatization: a concept, multiple voices. **ESSACHESS - Journal for Communication Studies**, v. 9, p. 197-212, 2016.

_____. Mídiatização da Sociedade: uma primeira opinião. **Verbo**, v. 11, p. 34-36-36, 2015.



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 "*Gloria Victis - ainda que tarde!*" Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé

 UNISINOS